

Menem leva FH a admitir reeleição

Presidente defende que o fim da estabilidade é ponto inegociável da reforma administrativa

Adriana Vasconcelos e Monica Yanakiew

BUENOS AIRES

Pela primeira vez desde que assumiu o Governo, há 16 meses, o presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu a possibilidade de se candidatar a um segundo mandato em 1998. Foi durante uma entrevista ontem à tarde. O presidente da Argentina, Carlos Menem, defendeu pela terceira vez, em uma semana, a reeleição de seu colega, explicando que quatro anos não bastam para realizar as reformas que o Brasil precisa. Fernando Henrique não discordou e ainda criticou os que se opõem à reeleição por acharem que perderiam a disputa contra ele.

— Não sei se daqui a dois ou três anos vou ter energia, ou como vai estar a relação da sociedade comigo. Mas a reeleição é um assunto que não pode ser visto de um ângulo pessoal. Infelizmente acho que está sendo colocada pessoalmente. Alguns acham que querem ser candidatos e que perdem de mim. Por quê? Pode ser até que ganhem. Não seria democrático competir? Competir e sempre bom — disse.

Político experiente, Menem sabia que Fernando Henrique jamais admitiria estar brigando agora pela própria reeleição. E acrescentou com humor:

— Sei que o presidente Cardoso está apenas preocupado em governar. Eu dizia a mesma coisa antes (risos). Para ser reeleito, ele precisa reformar a Constituição. E nessa área nós temos certa experiência (risos).

Fernando Henrique, que durante meses se esquivou de comentar esse assunto, acabou sendo levado por Menem a defender seu ponto de vista. Tal qual o Congresso argentino, o brasileiro reduziu o mandato presidencial de cinco para quatro anos. Mas, segundo Fernando Henrique, o trabalho foi feito pela metade.

— Não estou fazendo jogo de esconde-esconde. O Congresso é que deve decidir com clareza. Foi o Congresso que tomou a decisão de diminuir em um ano o mandato, porque iria fazer a reeleição. E depois pelos percursos da discussão legislativa, a segunda parte não foi feita. Cabe ao Congresso e à sociedade brasileira pensarem: quatro anos é pouco? É muito? Em que condições? Isso é uma matéria institucional muito séria que precisa ser discutida, não em função do eventual presidente da República, que sou eu, mas em função dos interesses permanentes do Brasil — disse o presidente Fernando Henrique.

Menem: "Não pensem que estou me metendo"

A reeleição de Fernando Henrique já fora defendida duas vezes por Menem na última semana: a primeira, numa entrevista à TVE; a segunda, numa rápida conversa com jornalistas no autódromo de Buenos Aires, durante a corrida de F-1. Ontem, apesar do tom brincalhão e cúmplice, Menem foi mais explícito.

— Acho que quatro anos são poucos para a profunda transformação que está sendo realizada no Brasil. É fundamental manter a continuidade. Essa é a minha opinião. Não quero que pensem que estou me metendo em assuntos internos do Brasil nem quero ter problemas com outros políticos brasileiros. Falo com base na experiência que tivemos na Argentina — disse Menem, na residência oficial de Olivos, depois de ter assinado com Fernando Henrique vários acordos de cooperação.

Eleito em 1989 para governar durante seis anos, Menem reformou a Constituição argentina em 1995: reduziu o mandato a quatro anos, garantiu o direito à reeleição, e se candidatou. Acabou ga-



FERNANDO HENRIQUE com Menem: apoio do colega argentino, que foi reeleito, para concorrer às eleições de 98

nhando graças ao sucesso do plano econômico, que privatizou as estatais, estabilizou o câmbio e transformou a hiperinflação argentina na inflação mais baixa do mundo: 0,2% nos últimos 12 meses. Na campanha, Menem argumentou que precisava de mais tempo para concluir a reforma do Estado, das administrações provinciais (estaduais) e da previdência social. O Brasil, lembrou Menem, está seguindo o mesmo caminho.

— O presidente Cardoso é um grande político e estadista e está em condições de transformar o Brasil — disse Menem.

Segundo o presidente, o ideal seria decidir a

questão da reeleição antes das eleições municipais de outubro. Dessa maneira, os atuais prefeitos poderiam saber se teriam chance a um segundo mandato ou não. Mas, para Fernando Henrique, os interesses pessoais estão atrapalhando o debate no Brasil:

— Essa é uma questão importante que não pode ser tratada como está sendo, como se fosse um assunto menor. Ou seja, para evitar que alguém ganhe, para que fulano possa ser candidato e possa ganhar sem concorrer com outro. Essa discussão, se alguém vai ganhar ou se eu vou ganhar, é menor — disse Fernando Henrique.

Agência Estado

O presidente evitou dizer se achava que quatro anos é pouco tempo para realizar todas as reformas, mas deixou claro que quer submeter a discussão logo à sociedade:

— É possível transformar o Brasil em quatro anos? Em cinco? Em seis? Não sei. Sei apenas que quero que a sociedade comece a formar seu próprio ponto-de-vista e que essas questões menores, dos que têm medo de enfrentar uma eleição, sejam tratadas como questões menores. Como, aliás, deve ser — concluiu.

Se Fernando Henrique conseguirá ter o mesmo destino do presidente da Argentina, e ser reeleito, ninguém pode prever. Mas Menem ontem demonstrou que também inveja os brasileiros em alguns aspectos. Foi antes da entrevista coletiva, numa conversa com o deputado Júlio Redecker (PPB-RS). O parlamentar, que fora a Olivos convidar Menem para um fórum sobre o Mercosul no Brasil, comentou em português os resultados de uma pesquisa segundo a qual os homens brasileiros são considerados os mais *calientes* do mundo.

— Bem que eu desconfiava que eu tinha nascido no Brasil — disse Menem.

Pelo fim da estabilidade

O presidente Fernando Henrique considera inegociáveis pelo menos dois pontos da reforma administrativa: a quebra da estabilidade dos servidores públicos e a fixação de um teto máximo para os vencimentos do funcionalismo. Durante entrevista coletiva conjunta com o presidente da Argentina, Carlos Menem, Fernando Henrique disse que não interessa ao Governo uma reforma que ponha "panos quentes" nos problemas da administração pública brasileira. Ele voltou a pedir o empenho dos governadores e prefeitos para aprovação da emenda que está tramitando na Câmara e previu que os eleitores brasileiros saberão julgar os parlamentares que estiverem pensando apenas em atender interesses localizados. As declarações do presidente são um recado aos líderes de partidos aliados como o PFL e o PMDB, que querem deixar para a lei complementar o detalhamento dos critérios para demissões de servidores.

— É absolutamente indispensável que o Congresso aprove uma reforma administrativa que dê margem aos ajustes necessários. Uma reforma que venha com panos quentes não nos interessa. E eu quero deixar claro que o Governo não vai entrar em negociação a partir de certos patamares. Não tenho papas na língua e assumo que quero, sim, uma reforma que permita quebrar o princípio da estabilidade. Assim como acho inaceitável os salários acima de um determinado teto para todos, sem exceção. Se algum setor do Congresso achar que vale mais a pena botar panos quentes e não enfrentar as questões, que assuma publicamente a responsabilidade junto à sociedade e ao eleitorado, que vai julgar quem está atuando com firmeza e quem está tratando de atender interesses localizados — disse.

Ainda durante a coletiva, Fernando Henrique e Menem tentaram minimizar um assunto que vem afligindo tanto brasileiros como argentino: a questão do desemprego. O presidente argentino admitiu que a situação nas províncias ainda é bastante delicada. Menem citou ainda que o índice de pobreza na Argentina, que em 89 era de 37%, está agora em 14%. Fernando Henrique voltou a lembrar que no ano passado os índices de desemprego do IBGE e da Fiesp foram os menores das últimas décadas e não chegaram a 6%. E ressaltou que pela primeira vez na história houve uma redistribuição de renda beneficiando os mais pobres. ■